

MEMÓRIA É POTÊNCIA: Encruzilhadas de conexão como resistência nos giros das mães baianas do Império Serrano.¹

Juliana Pereira dos Santos

Resumo:

Este texto é parte de um mergulho no mundo da ala das baianas da escola de samba Império Serrano, em Madureira, no Rio de Janeiro. Com o interesse na trajetória destas mulheres, essa escrita mostra os diálogos no caminho da observação e a história individual das protagonistas do enredo. Nessa conjuntura, pelo trabalho de campo pude compreender a conexão e admiração destas baianas por outras gerações do grupo, e nesta travessia cheguei no entendimento que a conexão e afeto entre elas, são táticas para o fortalecimento da autoestima, e da noção de pertencimento do coletivo. Assim como Kabengele Munanga (1988) traduz sobre o sentido de continuidade que é fortalecida pela ideia de pertencimento da negritude, que parte da memória referencial do grupo. Por esta linha de pensamento, a memória da grande e primeiríssima matriarca da comunidade da Serrinha e do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano Tia Eulália, em outra via, a trajetória das baianas de ontem para hoje, um legado inspirador que estimulou outras mulheres, em sua maioria negras, através de uma linha de “honra” ancestral. Em percursos que atravessam as lembranças junto com suas tias, mães, avós, ou por matriarcas baianas mais experientes no tempo da escola e no tempo de vida. Nesta configuração, trazer para a superfície os relatos das mais antigas no cruzamento com a vivência do presente, foi uma dimensão necessária para refletir sobre as baianas Imperianas. Por isso, trabalhei com pensadoras feministas negras. Collins (2019), hooks (2019) e Ribeiro (2021), para elaborar a transmissão dos valores da ala no dia de hoje. Tendo a memória como guia e a principal orientação nos giros cíclicos das matriarcas do Império Serrano.

Palavras-chaves: Cultura Material e Imaterial; Baianas do Carnaval; Império Serrano;

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

Introdução

A influência de caminhos passados nutre o que é recriado no presente, envolve as diferentes faces de se reconhecer como baiana. E para compreender a história individual dentro da memória do grupo, é importante ressaltar os pronomes utilizados para trazer as vivências, que na maior parte das memórias tocadas, foi usando o “eu” para expressar a trajetória particular, enquanto as baianas mais antigas usaram o “nós” e o plural com mais frequência. A fala de parte do grupo como “nós” atravessa a noção do familiar na ala que foi trazida pelas histórias de vida, e nos percursos vivenciados junto com elas. E escolher o “nós”, é querer representar todas as baianas da “família Imperiana”, agregando nuances políticas na compreensão de uma corporalidade coletiva.

Entre os trajetos, o impulso à memória por intermédio do samba-enredo é uma marcação que transfere a função de lembrar os episódios e seus desvios. As recordações das baianas são acessadas por vozes que ecoam no tempo-carnaval. Atravessa o tempo linear, e na maioria das vezes, guiam estas passagens memoriais. Pelo entendimento de Pollak (1992) estudar o enquadramento da memória dentro de um grupo social, a partir da noção que ela já está concretizada, é também praticar um exercício de conservação, de conexão, de unicidade e de continuação. E nos entrelaçamentos memoriais do grupo, existe junto às baianas uma não identificação a datas, pois as lembranças que permanecem estão suscetíveis a deslocamentos, julgamentos e interpretações. O lugar da “família Imperiana” é uma localização apontada pelas “coirmãs” baianas que reúne as especificidades das trocas sociais do cotidiano. Trazer para o chão da vida real estas experiências concretas da vida social, é arremessar as vivências para além dos holofotes da apresentação oficial carnavalesca.

Através dessa localização, ressalto como observação do estudo, o gênero feminino, e a predominância negra, que envolve a visão social de continuidade das mulheres da Serrinha. Uma linha referencial fundamental é a Tia Eulália, que coloco como “a primeira” matriarca. Pois, Tia Eulália foi a mulher da base fundadora da escola, figura representativa na comunidade da Serrinha, que tinha adoração por desfilar como baiana. Esse mesmo orgulho e emoção latentes se repetem na dedicação e na preparação das baianas do presente, que conduzem o sentimento de honra para aquelas que as sucederão no futuro. Nesta rota encontrei a perspectiva da pensadora bell hooks (2019)

mudar a visão na direção das atitudes destas mulheres, no lugar de entendê-las como objeto, observá-las como sujeito de suas ações.

Os giros nas encruzilhadas de conexão

Com essa diretriz, em março de 2023 quando conversei com a Claraindia em sua casa, que hoje é em Copacabana, como uma baiana que foi criada na Serrinha mostra o que viu e sentiu, desde a sua infância nos anos sessenta até o seu primeiro dia com a sua *persona baiana*. Em todas as vezes que estive com ela, contou do seu caminho de forma orgulhosa e alegre, com esforço para não esquecer nenhuma parte, e sempre preocupada com os atores sociais envolvidos na sua experiência. Sobretudo, com a voz firme e olhos atentos de quem sabe a importância destas mulheres para a família Imperiana. A memória coletiva da grande e primeiríssima matriarca do Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, Tia Eulália, se faz presente na memória individual da infância da baiana, que narrou a passagem dando ênfase para o seu lugar marcante na lembrança da Serrinha, do Império e do próprio carnaval.

Quando eu era criança, lembro da Tia Eulália passar toda fantasiada pela minha rua no carnaval (...) Na segunda passagem quando resolvi voltar a sair no carnaval e iniciei a minha jornada na ala das baianas, após ter dado um intervalo pela morte do meu Pai, quando resolvi que voltaria para o carnaval, minha mãe disse: Vai começar a maluquice novamente. Então espera aí que vou ligar para a Tota, e ela tinha uma influência no Império Serrano até porque era prima da Tia Eulália.²

O deslocamento entre casa e rua, público e privado, pela reconfiguração de lugar tal qual DaMatta (1997) localiza, é uma conjuntura central para compreender a imagem da baiana na escola de samba. Na entrevista para o Jornal do Brasil em 1968, Sebastião Molequinho contou sobre a fundação do Império Serrano após embates no Prazer da Serrinha, destacando a Tia Eulália.

Felizmente no dia 23 de março de 1947, reunimo-nos novamente na casa da Eulália, uma das grandes figuras do Império Serrano, com o propósito de fundar a nossa escola. Naquela data histórica e com a presença de consagrados sambistas, foi solicitado aos presentes que apresentassem para a discussão o nome que se daria à escola recém-nascida e as cores do seu pavilhão, verde e branco (Turma...1968 ,p. 18).

2 Conversa com Claraindia em sua casa em Copacabana em Março de 2023.

Tia Eulália é caracterizada como grande figura da escola, tendo sido a única mulher presente no dia de sua fundação. Muitas dessas matriarcas ou mães baianas, não eram propriamente da Bahia, como a Eulália, mineira, mas marcavam presença como mediadoras da herança negra na comunidade. Por serem guardiãs dos saberes orais das práticas afro-brasileiras, como o jongo e o samba, uma linguagem de *Axé*, e por essa linha de ligação eram identificadas como Tias ou Mães, como na configuração das matriarcas baianas. A existência do laço de resistência e a ligação profunda entre o jongo e o samba, é um marco social potente na comunidade da Serrinha, em que seu alicerce fundamental foi construído através das práticas do jongo e dos batuques do Império Serrano.

E pela voz da Tia Eni, que foi presidente da ala das baianas, com legado de quarenta anos de vivência no Império Serrano, é abordado valores como “companheirismo”, “afeto”, “reciprocidade” em que destaca a relação fraternal com a ilustre e já ancestral Tia Maria do jongo. A baiana Eni expressa a noção temporal das pessoas representativas nesse legado, quando falou das mais antigas na escola por mensagem online, em julho de 2023. “Tia Maria do jongo já desfilava de baiana quando entrei na escola, ótima pessoa, muito companheira, conversávamos muito. Conheci a tia Eulália, o Mestre Fuleiro, Silas de Oliveira, e sou amiga do Jorginho do Império, ele tem amizade com as baianas e gostava muito do meu marido.”

Em uma passagem do seu trabalho, Valença (2017) traz a trajetória de outra líder, pela linha do *Axé*, que foi baiana. Dona Marta, Yalorixá prestigiada na Serrinha, seu terreiro era de Ogum, localizado na rua Itaúba, e tinha jongo também na data de Santana. Marta foi lavadeira, do samba Rainha das Pretas e dos Corações Unidos de Rocha Miranda, e em 1947 foi para a Serrinha e começou a desfilar de baiana no Império Serrano. A imagem da Yalorixá Maria Joana no acervo do jongo da Serrinha com sua saia branca em renda e a bata de renda, fios de contas, pulseiras prateadas, anéis e turbante. Vestimenta singular que participam da constituição das mulheres do *Axé*. Vovó Maria Joana Pretavelha jogueira, como é intitulada e rememorada pela comunidade do Jongo da Serrinha é uma líder do *Axé*. Matriarca do jongo, uma voz reverenciada, que traduz a dimensão de uma matriarca no seu lugar. As líderes do *Axé* são como uma *força vital* na localidade em que vivem.

Kabengele Munanga (1988) ao desenvolver a força vital, no seu estudo de uma concepção negra africana, considera que, o mundo é um conjunto de forças hierarquizadas,

entre as quais circula esta energia. Nas práticas mágico- religiosas, ela pode ser aumentada ou diminuída, e uma das preocupações dos povos negros é aumentá-la, pois é fonte de prosperidade, felicidade, riqueza, poder, etc. “A força vem dos deuses e é distribuída pelos ancestrais aos reis, e aos chefes de etnia, clã, linhagem, família que a distribuem, por sua vez, aos mais jovens do grupo”. (Munanga, 1988, p. 83)

E foi possível encontrar através de um acervo online que reúne edições de jornais do início do século XX até então, na Revista Cruzeiro de fevereiro de 1958, um texto sobre a baiana Maria Joana numa entrevista em que Nilton Ribeiro evidencia a relação. “Eu moro na Rua Balaiada, em frente a sede do Império Serrano, estou no samba desde menino. Minha mãe, Maria Joana, é uma baiana famosa do Império Serrano e minha irmã Eva Ernely é diretora da Ala das Marquesas.”(Se é pecado... 1958) Vivências tramadas no espaço entre a saia rodada, a ligação ancestral e poéticas do cotidiano do coletivo, que abrem novos caminhos desse enredo cultural, que é uma ideia de tradição memorial do legado afro-brasileiro, em constante deslocamento. Em janeiro de 2023, na lavagem da Sapucaí, Luana jongueira, e hoje, baiana do Império Serrano, que também é um elo da Tia Maria do jongo, usava um cordão com a imagem da grande Matriarca da Serrinha. E nesta noite, Luana disse. “Vivia lá perto dela e me tratava como uma filha, foi então que pelo nosso laço de afeto me tornei sua filha adotiva. Sou muito grata por todo amor e carinho que me dedicou. Quando a Tia Maria já estava hospitalizada, eu já fazia parte da ala, estava sem motivação para desfilar e ela disse que a forma que poderia honrá-la seria desfilando na ala das baianas que tanto amava. Depois dessa declaração, eu saio na ala das baianas todos os anos.”

Figura 23- Baiana Luana faz homenagem a Tia Maria do Jongo



Fonte: Goudinho (2023)

Nesse roteiro é nítido visualizar as vivências como herança. E nestes giros, pela abordagem presente em Barros (1988) que suscita a relevância da herança moral familiar, dos princípios, e identifica o papel da linguagem das emoções para potencializar a sabedoria construída na experiência entre avós e netos, numa fusão de autoridade e afeto que atravessam gerações. Uma ideia pavimentada nas movimentações da ala, estas mulheres ocupam o lugar de avós e matriarcas das suas famílias pessoais, e da “família” criada na escola de samba Império Serrano. Por esta narrativa o *afeto* ocupa um lugar de conexão entre as mulheres que fizeram e fazem parte da ala das baianas. Em algumas situações, este *afeto* é compartilhado no cotidiano, em outras circunstâncias, como essa, é via de transmissão, um objeto que faz “sentir” o dever da reciprocidade na dádiva da baiana Imperiana. A baiana Claraindia, que passou por várias épocas e localizações no desfile da escola, traduz a passagem do tempo do corpo à sua chegada na ala das baianas. “O remédio quando a idade chegou foi migrar para ala das baianas, mas também dá muita emoção. Apesar de todo peso que a gente carrega e de toda responsabilidade. Com a gente, com o nosso corpo, da atividade que estamos exercendo ali como baiana. Faço esse esforço com prazer e orgulho, até porque quando toca aquele agogô me emociona, e é aí que fico leve e solta pela avenida.”

Nesta mesma data, em março de 2023, na casa da Claraindia, a baiana Maria Lúcia que é sua amiga desde a juventude entre a vida pessoal e passagens juntas no Império, com aproximadamente três décadas como baiana, falou o que sente no momento presente sobre o seu trajeto na escola de samba. “Desejo ter saúde para permanecer desfilando como

baiana muito tempo no Império Serrano, mesmo se for para sair na ala dos cabelos brancos, velha guarda. E a única escola que quero ter responsabilidade é no Império. Tô triste porque foi rebaixado, mas o meu amor continua”.

Tia Eni com seus oitenta e um anos tendo quase quarenta de experiência como baiana, esbarra inúmeras vezes no corpo como obstáculo de prosseguimento na ala, assim como na travessia da vida e morte em que recorda de suas amigas Imperianas que já partiram. Quando cheguei para a pesquisa de campo, em outubro de 2021, no meu primeiro dia com o grupo na quadra, ela contou. “Agora eu não posso mais ficar sempre com as baianas, fiquei até quando aguentei. Tive que cuidar da saúde, sou operada desde 2017, então, quando percebi do meu problema sério redigi uma carta ao presidente Sandro e pedi o meu afastamento”. E narrou;

E aí, já estava há muitos anos e vi que era hora de passar para outra pessoa. E as pessoas falam: Ah, mas presidente só sai quando morre. Eu não acho assim, tem que ter o senso, não dá, não dá. E indiquei a Guará que também já estava há 30 anos na ala, mas não pode assumir porque também teve que se afastar para fazer uma cirurgia no quadril. Eu senti e sinto muita falta.

Figura 24- Tia Maria do jongo e Tia Eni no Império Serrano



Fonte: Acervo pessoal (Tia Eni)

Como Cavalcanti (2011) expressa, sobre as baianas e as integrantes da velha guarda, delas são cobradas posturas peculiares, projetadas de forma permanente, através de trocas consensuais e redefinições. Para Cavalcanti (1994), o corpo pode ganhar novas significações em relação a perdas ou desempenhar uma descoberta de valor. Por meio deste elo, no mundo carnavalesco

popular das escolas de samba, a concepção corporal das baianas manifesta uma localização da projeção do próprio roteiro de vida, ser atribuído ao próprio trajeto do corpo.

A prática de honrar as mulheres que vieram antes, pode ser observada também, através das memórias com sentimento de admiração. Como na conversa online com a Tia Eni, que foi líder da ala por quase quatro décadas, e narrou o sentimento de ter convivido junto à Tia Maria do jongo - uma liderança do jongo na comunidade da Serrinha – revelando o seu afeto e admiração de ter vivenciado tantos anos com a matriarca, que também era uma mãe baiana Imperiana. E falou, “eu tinha uma relação muito boa com a Tia Maria, ela sempre estava junto e gostava muito de mim e eu dela, uma admiração recíproca. Sempre foi muito presente como baiana do Império Serrano”.

Sob a luz de hooks (2019) a necessidade da construção da voz da mulher negra através da educação, é uma chave para conquistar o poder sobre os seus corpos e suas mentes, pois só a partir de uma consciência crítica chega-se a uma mudança de condição. O que qualifica como autonomia de ação e pensamento. Em nossa roda, que é o grupo das baianas da tradicional escola Império Serrano, a questão racial não é muito falada por elas, e sim, o sentido de ancestralidade e pertencimento. Como quando a Lúcia Iara falou no meu primeiro dia de campo na quadra da escola, em novembro de 2021, “minha mãe também foi baiana e hoje em dia consigo compreender o amor que ela sentia por pertencer a uma ala de baianas do carnaval.”

O que leva para o pensamento da Collins (2019) em que a centralidade das mulheres negras em organizações e nas próprias famílias reconfigura o lugar epistemológico da localização das feministas negras. Em nosso contexto das baianas do samba em Madureira ajuda a gerar um repertório em que as mulheres ganham reconhecimento e admiração em sua potência social de vida. Na ideia de um corpo de baiana, esta noção do tempo parece circular entre as amantes da ala. Já que presenciaram outras coirmãs se despedindo do grupo por não ter mais força suficiente nas pernas para carregar a fantasia, por compreender que o seu corpo já não roda a saia com tanto equilíbrio, e que também, os compromissos das baianas já são intensos demais para um corpo que precisa de mais energia do que quando jovem.

Nestes atravessamentos, que partem de uma realidade da persona baiana, é elaborada também uma figura de transmissão moldada em significações do feminino e do envelhecimento. Numa imagem figurativa, liderança em uma das suas faces, e por outro

ângulo, um pensamento de sentimento corporal entrelaçado na forma física de mulheres arredondadas com seios exuberantes. (Cavalcanti, 2011, p. 253)

Essa visão de honra sobre a posição e tempo de ala, observei no dia da homenagem feita para as baianas (12 de novembro de 2023) que estava presente na quadra, e aconteceu dessa forma, abriram uma grande roda para todas dançarem, as baianas do Império no centro e as baianas convidadas em volta, logo depois as representantes das alas das baianas coirmãs de outras escolas de samba junto com as baianas mais antigas do Império Serrano receberam flores. Entre elas, a Tia Eni e a Guará que estavam presente nesta data, e que recebiam carinho de outras baianas, e das baianas mais jovens da ala Imperiana.

Esta ideia de respeito, admiração, e honra pelas baianas mais antigas, leva a pensar no lugar de autoridade e afeição que geralmente é transmitido no papel das grandes matriarcas de uma família. Fazendo um paralelo possível, as matriarcas baianas estão para a Família Imperiana, como as nossas avós estão para as nossas famílias. Na pesquisa de Barros (1988) a ideia de ensinamentos valiosos passados entre gerações está no tempo cíclico em que estas experiências são levadas em nossas ações e transmitidas para os descendentes que virão. O mesmo conceito de tempo elaborado por Da Matta (1979), que é a noção cíclica do tempo-carnaval. Pela ótica da liderança, respeito e autonomia, estas duas mulheres são exemplos de um saber atravessado pelas experiências de vida, pelas vias das expressões culturais afro-brasileiras, que encontram caminhos através de um acervo social local, como os saberes do jongo e a escola de samba erguida na comunidade da Serrinha. Pela corrente teórica feminista em que hooks (2019) suscita, é legítimo dizer que erguer a voz é uma conquista de ser ouvida e contemplada, mesmo com os atravessamentos do lugar social de mulheres negras, por intermédio da conexão e da difusão dos saberes ocupam um lugar de destaque onde vivem.

Trocas que revigoram o modo de viver de um local que se faz e vive o samba, e se faz e vive o jongo, tendo mulheres negras mais velhas como guias nestas práticas culturais, que transmitem saberes no meio social que fazem parte. É importante também, localizar a trajetória temporal destes passos, já que amplia a visão política e social destes espaços, em que parte delas vivenciaram tempos históricos ainda mais opressores para as mulheres, entre as décadas de 70 e 90. Claraindia inicia sua narrativa quase junto ao seu nascimento no início dos anos sessenta. Evidencia as marcas de sua lembrança, ainda criança, na comunidade da Serrinha; “Me criei na Vila Queiroz, numa rua anterior à

Tamarineira, e quando desceu da Serrinha o Império Serrano veio para a Tamarineira. Nessa época, minha mãe e uma tia de consideração levavam eu e as outras crianças para brincar na quadra da escola. Foi ali que fui criando amor pela escola, onde fui criada.”

Figura 27- Claraindia na sua casa com sua primeira fantasia de baiana



Fonte: Acervo próprio (Baiana Claraindia)

No caminho destas encruzilhadas temporais é necessário estabelecer encontros memoriais em que as saias fizeram os seus giros no mesmo ciclo, e é desta forma que Tia Eni narra o seu início como baiana, tendo desfilado pela primeira vez no mesmo ano-carnaval que a Claraindia desfilou como baiana.

Tive a sorte de pegar uma boa presidente que se chamava Alice Terra, Tia Alice. E o primeiro ano eu desfilei no Bumbum Praticumbum Prugurundum e o Império Serrano teve a sorte de ser campeão, foi muito bom! Nós viajamos muito, passeamos muito para São Paulo e Minas. Sempre me dei bem com todas as baianas e passei por vários presidentes da escola, imagina também 40 anos. E há 25 anos eu assumi a ala, porque a minha presidente faleceu, e depois a Presidente da escola da época, Neide, me chamou para assumir a presidência³.

Por meio delas, encontro nuances na fala da Geny, atual presidente da escola, que indica a sua relação com *afeto*, convocando mais uma vez a linha de sentimento familiar e de “ajuda” na trama de fazer parte da ala das baianas. No seu depoimento emocionada na concentração do desfile do carnaval de 2023, Lugares de Arlindo, posicionada na

3 Relato da Tia Eni por conversa online, em julho de 2023.

frente do carro alegórico com a simbólica tamarineira, árvore situada na comunidade da Serrinha, lugar onde ergueu-se como escola de samba. E falou, “o meu carinho por elas é carinho de filha, de irmã, de avó e quero sempre pode restar nessa condição de “ajudar”, de colaborar. É isso que quero para as baianas da cidade alta, que elas brilhem, e tenham saúde para rodar a baiana.” A forma de trazer estas lembranças é refletida no semblante destas mulheres, com expressividade, ora com olhos brilhantes no momento de falar das experiências, ora com sorrisos carregados de emoções.

Estas características podem ser observadas nas expressões, e nos sentimentos das falas de todas as baianas que falaram das suas trajetórias, em que traziam familiares, integrantes que ajudaram no processo de ser baiana, e outras coirmãs que não estão mais na escola. Pela rota que traduz o sentido de chegar a *persona* baiana Imperiana pela primeira vez, Lena se emocionou para descrever os seus passos na concentração do ensaio técnico em janeiro de 2023, e narrou:

O meu primeiro carnaval como baiana me marcou muito porque foi quando fiquei parada no engarrafamento, dentro do ônibus, na avenida Brasil, pois tinha desfilado como baiana em outra escola na Intendente de Magalhães. Então, resolvi descer do ônibus e vim andando para o sambódromo, andei, andei e quando cheguei aqui comecei a chorar porque não dava mais tempo de buscar a fantasia, a escola já estava na boca da avenida, aí uma baiana que me viu aos prantos, e soube do meu sacrifício para chegar até ali, me deu a fantasia dela e falou: Veste! Esse ano você merece desfilhar mais do que eu.

Na ala das baianas, as fantasias são inteiramente oferecidas pela escola, como a presidente da ala Geny, detalhou. Desta forma, uma baiana ceder a fantasia inteira para outra entrar na avenida junto ao grupo, tem muita força na ação e no próprio traje presenteado. Como a baiana Lena expressou a sensação que viveu, desse jeito, “não sei explicar a emoção de entrar na avenida aquele ano, receber essa *ajuda*, ser baiana do império, sendo imperiana de coração é uma *honra*, muito emocionante, um *presente*”.

Voltamos para a noção de “ajuda”, através do “presente” e a “honra” que conduzem para reciprocidade e o merecimento de ser baiana imperiana. O samba-enredo deste ano que carregou seus primeiros passos como baiana, foi “Peregrinos da Fé” numa relação similar a sua andança para chegar na avenida, e ter a “honra” de ser baiana Imperial. “Caminhar para chegar ao que acredita e ao que desperta orgulho”, em sua narrativa. Por essa contagem do tempo do carnaval na movimentação das baianas, e pela recriação das vivências na dinâmica da memória, em suas falas o “sacrifício” vivenciado para chegar ao prestígio de ser baiana. Tia Eni que conduziu as baianas dos anos 90 até

2021, narrou no seu depoimento sem roteiro através da rede social *whatsapp* em julho de 2023. “Minha filha, eu como presidente da ala, ia pro barracão, tem muita testemunha disso, pra ajudar a colocar as fantasias no caminhão e levar pra escola. Chorava, presa no elevador com as fantasias na cidade do samba”.

A declaração da Claraindia foi reafirmada depois na fala da Tia Eni, que encontra o mesmo acontecimento na dificuldade da entrega das fantasias das baianas, e no “sacrifício”. A baiana Claraindia rememorou na conversa em sua casa, um mês após o carnaval de 2023. “Teve uma época que pegávamos as fantasias na quadra do Império. Aí chegava sábado de carnaval para entregar as fantasias das baianas dentro de Madureira, com trânsito parado, Aí, saem as baianas tudo correndo para buscar as fantasias. E é aquela confusão, na sacola de uma falta uma sandália, na da outra falta um chapéu.” O seu relato veio numa circunstância em que falava de uma outra situação envolvendo a fantasia, só que de ala, e das “dificuldades” que eram as pequenas confecções que faziam as peças ainda lá nos anos noventa. Nessas vivências, a “dificuldade” é repetida em diferentes argumentos ao elaborar um pensamento sobre o Império Serrano, experiências de mulheres que transitam pela margem social carioca e reinventam formas para assegurar a “honra” de pertencer ao coletivo. Nestes giros, encontram-se na resistência em que o impulso é gerado pelo ritmo carnavalesco de uma vida que é sobretudo, urbana.

Na mesma conversa, Tia Eni me enviou a sua foto disse, “espera um pouco que vou consultar a Guará porque a Guará lembra de tudo, e voltou com a informação. Esta fantasia é de 1993, a Guará falou que lembra porque a prima dela desfilou nesse ano também”. A baiana Guará faz parte do grupo das que estão por décadas na escola, juntamente com a Tia Eni, Claraindia e Maria Lúcia, mas ela não frequenta mais os ensaios, só consegue estar presente esporadicamente em eventos especiais, como na última homenagem na quadra para as baianas. Tia Eni e a baiana Claraindia contaram que o afastamento aconteceu naturalmente por motivo de saúde, pela fase da vida, mas ainda possui o seu lugar como uma matriarca respeitada e exaltada por suas coirmãs no grupo das baianas Imperianas.

O que alcança novamente o lugar do “afeto” despertado em diferentes passagens, nesta revelação oral da experiência através da voz de cada baiana apresentada. A Baiana Maria Lúcia quando diz, “para ser baiana do Império tem que ter amor porque tem os seus altos e baixos.” E Tia Eni narra as conexões que criou durante o seu tempo como

baiana e presidente da ala das baianas do rezinho de Madureira. “Entre as baianas do Império sempre houve uma amizade muito sadia. As minhas baianas, como falo, sempre estiveram comigo, na hora que eu chorava, na hora que eu ria, nas horas boas. E fazíamos companhia uma pra outra em todo lugar.” A baiana Dalva que é recente na ala, e de outra geração, explicou a sua sensação. “Parece que tenho milhões de anos como baiana, mas não tenho. Porque o meu amor é tão grande, me sinto tão feliz que quando falo parece que sou velha de ala, mas não sou. Estou aqui admirada pelo tempo, olhando para foto da minha primeira fantasia.”

Esta ideia de reconhecer esbarra numa familiaridade de si mesma, encontra os diálogos das baianas em diferentes passagens do tempo. Nas passagens, “ajudar”, “honrar” atravessam os caminhos já percorridos e são presenças frequentes na dádiva de ser baiana. E o que é importante chamar atenção, a presença de uma dádiva da baiana Imperiana assimilando Mauss (1974) por meio da sua análise com o grupo Maori na Nova Zelândia, ao entrar nas particularidades daquele mundo social, entendeu que estes objetos estão muito ligados às pessoas, ao clã, e possuem uma energia mágica, o “hau”. Que representa todas as coisas individuais que possuem uma aura espiritual, que é o espírito do que é dado. E a troca dessas coisas cria uma obrigação de retorno, “é o fato de que a coisa recebida não é inerte.” Mauss (1974, p. 54) Aqui, um objeto material que transporta uma referência memorial de pertencer, e a retribuição generosa, de um repertório sentimental localizado no fio da reciprocidade.

A dádiva de ser baiana se concretiza numa relação especialmente entre mulheres, sobretudo do subúrbio carioca, e que também desempenham papel de autoridade em suas famílias como mães e avós. Novamente apoiada na pesquisa antropológica de Barros (1988) sobre a herança familiar de Avós, é notável a transferência de afeto e um legado moral familiar como passagem de bens subjetivos representativos, que não são econômicos, uma herança de princípios. Uma abordagem que percorre de forma fluída pelas relações das mulheres que vieram antes para a família Imperiana, e principalmente, nos ciclos geracionais entre as baianas e suas histórias de vida.

Herança Feminina Negra

Neste percurso da memória, Claríndia que saiu a primeira vez como baiana na escola ainda jovem, perto dos 30 anos lembra dos nomes de algumas baianas que faziam parte da ala nesta época.

Minha mãe era amiga de algumas baianas que frequentavam o Mercado de Madureira. Então quando nós íamos lá, encontrava com elas, e fiquei muito feliz com a possibilidade de sair junto com elas, tinha o fato também de ter uma proximidade por ter morado na vila queiroz. Tinha a dona Dirce, a Bebeca, a Zilda. Ih, rodei a minha baiana muito feliz com elas.⁸¹

A ideia da memória referencial destas mulheres é centrada em outras mulheres, numa configuração em sua maioria, de mães e avós negras. A lembrança da Lúcia Iara de sua mãe como baiana, o ensinamento da Claraindia do doce da Avó Claraindia que hoje é a baiana ativa com mais tempo de ala no Império Serrano contou na festa das baianas. “Eu sempre participei ativamente, hoje estou mais cansada. Antigamente nas festas da escola, quando tinha que levar alguma coisa, levava o meu doce de abóbora que é um sucesso! Foi a minha avó Clara que me ensinou tudo, e o meu nome foi colocado em homenagem a ela.” No repertório da continuidade feminina, a recordação da sua Tia levar para a quadra do Império quando ainda era criança na comunidade da Serrinha, e a noção de referência deixada pela Tia Maria do jongo para a Luana, uma filha do coração, assim como a sua relevância para a Tia Eni que liderou o grupo das baianas imperianas por quase três décadas.

Os estudos do Pensamento Feminista Negro, Collins (2019) direciona os diálogos e ações da vida cotidiana como perspectivas importantes para construir uma abordagem lúcida na concepção feminista negra. Nestas ligações a existência do gênero, raça e afeto como demarcações visíveis que produzem efeitos diretos em suas vivências. Uma linha que é visível no tecido social formado pela ala, em que a troca social produz uma rede de informações entre mulheres, em sua maioria, negras, que utilizam estes saberes da vida cotidiana para edificar novos horizontes sociais. E que ainda transferem experiências, formas de fazer, a noção de coletividade, da “ajuda”, pelos movimentos da performance, principalmente a “honra” de estar naquele lugar como baiana e reverenciar as mais antigas.

Esta ideia de *afeto* nas relações entre mulheres negras Collins (2019) aborda a reflexão em que esta dinâmica leva o coletivo a encontrar um saber alternativo conectado ao princípio de cuidar e de falar com o coração, sendo a expressão individual e as emoções características fundamentais para um desenvolvimento válido deste conhecimento. Ribeiro (2021) nos seus relatos experienciais da obra *Cartas para a minha Avó* toca neste mesmo sentido de sabedoria baseada no afeto e na conexão que une mulheres negras brasileiras numa corrente emotiva de reconhecimento. Quando descreve que a sua

primeira vez com expectadora dos desfiles na Sapucaí, as mulheres negras mais velhas das escolas de samba passavam e se emocionavam com a sua presença e trocavam acenos e gestos de carinho, vindo delas foi especial, era como tivesse um pouco da sua Vó e da sua mãe nelas e pronuncia; “eu me emocionava com o reconhecimento delas, mas também por sentir que uma parte da minha história havia sido restaurada.” (Ribeiro, 2021, p. 104)

Foi possível identificar pelas suas declarações que os saberes são transmitidos por mulheres que já possuem uma longa trajetória de vida. Como a Dalva contou no ensaio de janeiro de 2023, que a idade já foi uma das características determinantes para fazer parte do grupo, a baiana entrou na faixa dos quarenta anos, e lembrou. “No meu primeiro dia a Tia Eni perguntou, mas você é nova, e quer ser baiana mesmo minha filha?” Ao focar na temática do carnaval na vida urbana, como é vivenciado e representado o envelhecimento do corpo dos indivíduos envolvidos na esplendorosa passagem carnavalesca das escolas, um contexto trabalhado no estudo antropológico da Cavalcanti (2011) que deixa nítido o lugar sócio-ritual das baianas e das velhas guardas de uma representatividade de autoridade, em contrapartida, as zonas de passagem, quando a disposição corporal é uma despedida da ala das baianas para a velha guarda.

Geny, atual presidente da ala das baianas, na concentração do carnaval de 2023, do samba-enredo “Lugares de Arlindo”, na entrada da Sapucaí, disse. “Ser presidente de baianas é uma responsabilidade muito grande porque você representa senhoras e representa mulheres que são responsáveis pelas suas casas, estão aposentadas ou não. Então tem que ter carinho, atenção, e principalmente você tem que saber a parte social da ala”. Esta rede de “solidariedade” e “conexão” que alimenta a roda entre as baianas do Império Serrano evoca as diferentes circulações, de coisas, das facetas sensíveis e do valor da ala em suas trajetórias de vida que dá continuidade pela linha de transmissão do “afeto” e da honra como pertencimento. Esta ação da corporalidade da baiana Imperiana de ontem, que permanece hoje e rememora, tem os seus estímulos sensoriais despertados no agora e aproxima-se na linha de um corpo espiritualizado, quando nutrido dessa *persona* que acessa saberes reformulados do *Axé*, das religiões de matriz africana. A palavra “Axé” utilizada entre elas, serve para situar que alguma ação ou elemento é referente ao universo enérgico das religiões de matriz africana.

No trabalho de Lopes (2005), que é uma exposição das tradições religiosas negras africanas, Sodré (2005) sublinha em sua apresentação, que o estudo escrito não deve prevalecer sobre as experiências de relações pessoais que propagam o axé iorubano.

Nesta encruzilhada de saberes e afeto, após percorrer as travessias das baianas imperianas, compreendi a ideia da “memória como potência”, esta que ativa a lembrança através do sentir. Quando a temporalidade é posicionada e tocada pelo samba-enredo, a música envolve a passagem de lembrar. Nos caminhos do afeto que ligam, atravessam suas ancestrais, as Tias, Mães, e Avós. Esta “aura” que toca, reimagina, revivencia as emoções que potencializa e ressignifica os passos no agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, Myrian Lins de. *Autoridade e Afeto: Avós, filhos e netos na família brasileira*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1987.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*.

Rio de Janeiro: Funarte; UFRJ, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Baianas e velha-guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca*. In: GOLDENBERG, Mirian. *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 245-273.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do*

Empoderamento. São paulo: Boitempo, 2019.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOOKS, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Tradução de Cátia

Bocaiuva Maringolo. São Paulo: 2019.

IMPÉRIO quer voltar ao grupo especial. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano CII, n. 293, 1993.Cad. 1, p. 14.

MACHADO, Aluizio et al. Samba Enredo 1993 - Império Serrano - Um Ato de Amor. Rio de Janeiro 1993, Online (3min.34s.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFVzMKrBPHY&t=2s>.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: MAUSS, Marcel; LEVI-STRAUSS, Claude. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974. p. 183-210.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. São Paulo: Editora Ática. 1988.

LOPES, Nei. Kitabu: o livro do saber e do espírito negro-africanos - Rio de Janeiro, Editora Senac, 2005.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

RIBEIRO, Djamila. Cartas para minha avó. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RUFINO, Luiz. Histórias e saberes de jongueiros. Rio de Janeiro: Editora Multifoco. 2014.

TURMA da Império Serrano grava sambas-enredo no MIS para o Museu do Carnaval. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 248, 21 jan. 1968. Cad.1, p. 18.